

**REFLEXÕES SOBRE O APAGAMENTO DO RÓTICO
NA ESCRITA DAS SÉRIES INICIAIS**

Geisa Borges da Costa (UNEB)
geicosta@ig.com.br

RESUMO

O presente trabalho, pautando-se nos pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa variacionista, objetiva investigar os aspectos relacionados ao apagamento do /R/ em coda silábica em posição medial e final de vocábulo na escrita de estudantes em início de escolarização. O *corpus* foi constituído por testes escritos com um total de 18 alunos, na faixa etária de oito a onze anos, pertencentes à 2^a, 3^a e 4^a séries do ensino fundamental de uma escola pública do município de Catu – BA. Para cada série foram testados três meninos e três meninas, todos nascidos e residentes neste município, localizado a 78 km de Salvador, observando a relação existente entre fala e grafia e a interferência daquela no processo de aprendizagem da língua escrita. Assim, o mesmo instrumento de testagem escrita foi aplicado aos alunos dos três níveis de escolaridade com o intuito de observar em que medida se dá a intervenção da fala na escrita com relação ao apagamento do segmento r em posição final e medial de palavra.

Palavras-chave: Variação linguística. Coda silábica. Escrita.

INTRODUÇÃO

Um dos campos em que a teoria da variação linguística se mostrou bastante fecunda, tal como proposta por Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, foi o da fonética. Nesta área de estudos, diversas pesquisas sociolinguísticas têm contemplado o rótico como foco de análise, pelo fato de este oferecer várias possibilidades de variação e realização. Em posição pós-vocálica, são numerosos os estudos em diversas regiões do Brasil que demonstram seu total apagamento.

O que se observa é que os estudiosos têm concentrado suas pesquisas sobre a variação do rótico na língua falada em posição final das palavras e os trabalhos têm revelado que o apagamento desse fonema em posição pós-vocálica final é praticamente categórico. Entretanto, o fenômeno do apagamento do rótico em posição de coda silábica vem avançando, em algumas regiões, para o contexto medial, o que pode ser notado principalmente na fala de indivíduos que utilizam normas populares do português do Brasil. Nesses casos, po-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de-se ouvir, com certa frequência “iogute” por “iogurte”, “beço” por “berço”, “bernado” por “bernardo”, “sovete” por “sorvete”, “pertubado” por “perturbado”, para citar alguns exemplos.

Para os professores que lidam com o ensino de português no nível fundamental, há uma repercussão clara desses fenômenos na escrita. É muito comum encontrar-se nos textos dos alunos palavras em que a letra *r* tanto em posição final (esses casos são mais frequentes) quanto no interior de vocábulo não é grafada. Em vários casos, muitos professores tratam desses fatos da mesma maneira como tratam, por exemplo, de desvios como o que se observa em “excessão” por “exceção”: consideram apenas haver um desvio gráfico.

No entanto, Bortoni-Ricardo (2006, p. 268) chama atenção para o fato de que os professores têm de aprender a fazer a distinção entre problemas na escrita que decorrem da interferência de regras fonológicas variáveis e outros que se explicam simplesmente pela falta de familiaridade do alfabetizando com as convenções da língua escrita.

Sendo a vogal o núcleo silábico, ela pode ser precedida ou seguida de consoante e é nesta última posição, quando a consoante segue o núcleo silábico que acontecem as principais regras de variação fonológica no português brasileiro, sendo, portanto, a posição pós-vocálica ou de travamento silábico sujeita a uma gama de realizações com uma forte tendência a ser cancelada.

Alvarenga e Oliveira (1997) analisando a instabilidade e a canonicidade silábica do português e sua influência na aprendizagem da escrita defendem a existência de posições consonantais fortes e fracas na sílaba, sendo a coda considerada como a posição fraca ou instável, passível a um grande número de alofonias na fala e um grande número de variações na escrita.

Para os autores, considerando a canonicidade e a instabilidade das estruturas silábicas é de se esperar que a sílaba CV seja, do ponto de vista da aprendizagem, a estrutura silábica mais fácil e deve ser a sílaba que o aprendiz espera encontrar nas primeiras abordagens da língua escrita.

Ao estabelecer a primazia da língua falada sobre a escrita, a Linguística abriu caminho para o desenvolvimento de inúmeras pes-

quisas que têm como foco de análise a língua falada. Nos últimos anos, os estudos linguísticos estão procurando demonstrar a inter-relação entre língua falada e língua escrita, contrariando uma ideia antiga de que a escrita seria independente da fala e estruturalmente mais elaborada e complexa.

Segundo Tasca (2002, p. 31) os resultados dessas investigações levaram à compreensão de que, para explicar o funcionamento da escrita nos primeiros anos escolares, é necessário antes ter compreendido como funciona a língua oral. Além disso, ao entrar em contato com o sistema ortográfico da língua, o sujeito aprendiz da leitura e da escrita depara-se com as interferências do sistema fonológico, daí a necessidade de se estudarem as características dos sons vocálicos e consonantais.

1. Objetivo

O desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil tem se voltado para a questão da diversidade linguística, discutindo profundamente vários aspectos relacionados a este fato. Pesquisas empíricas realizadas sobre a língua escrita vêm dando uma contribuição significativa para a área educacional aproximando cada vez mais a teoria linguística da prática pedagógica. Este trabalho tem como objetivo geral analisar um fenômeno fonético-fonológico variável, atestado por diversos pesquisadores na fala dos indivíduos que utilizam o português brasileiro, qual seja o apagamento do rótico medial e final, verificando o grau de interferência deste fenômeno linguístico na escrita de estudantes catuenses.

2. Hipóteses

As hipóteses aventadas neste estudo preliminar são:

1. Em posição final de vocábulo, o apagamento do rótico é mais expressivo que em posição interna;
2. O r em final de verbos possuem um apagamento maior na escrita que em não verbos;

3. Quanto menor o grau de escolaridade, maior as taxas de apagamento do rótico na escrita;
4. O apagamento do rótico na escrita é inibido pelo maior grau de familiaridade com a palavra.

3. Princípios metodológicos

Este trabalho constitui-se num estudo empírico, de cunho descritivo, que pretende investigar os aspectos relacionados ao apagamento do rótico em posição de coda silábica na fala e escrita de estudantes das séries iniciais da cidade de Catu – BA. A metodologia que orienta este trabalho é o modelo laboviano de pesquisa sociolinguística que busca analisar a produção oral dos falantes, considerando além dos fatores linguísticos, as influências de fatores sócio-culturais a que a linguagem humana está submetida.

O *corpus* foi constituído por testes escritos com um total de 18 alunos, na faixa etária de oito a onze anos, pertencentes à 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de uma escola pública do município de Catu. Para cada série, foram testados 03 meninos e 03 meninas, todos nascidos e residentes neste município, localizado a 78 km de Salvador. A escolha por alunos a partir do segundo ano do ensino fundamental deve-se ao fato de que no contexto educacional das escolas públicas da cidade, boa parte dos alunos que se encontram na primeira série ainda não adquiriram certas habilidades relativas à escrita, o que poderia invalidar os dados que queremos observar.

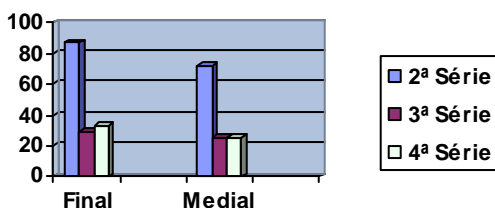
Os testes foram elaborados previamente a partir de palavras que contemplavam o fonema /R/ em diversos contextos de variação. Seguindo o modelo de Mollica (2003, p. 29), os desenhos sobre os quais foram escritas palavras e frases do teste foram expostos de maneira intercalada com outras figuras, a fim de que o estudante não percebesse a intenção do pesquisador concernente à observação de alguns fatos da escrita.

Assim, o mesmo instrumento de testagem escrita foi aplicado aos alunos dos três níveis de escolaridade com o intuito de observar em que medida se dá a intervenção da fala na escrita com relação ao apagamento do /R/ em posição medial e final.

Apresenta-se aqui, a análise do apagamento do rótico em coda silábica em posição medial e final de vocábulo na escrita dos estudantes que participaram da pesquisa.

4. Análise dos dados

Gráfico 1: Taxas gerais de apagamento (em %)



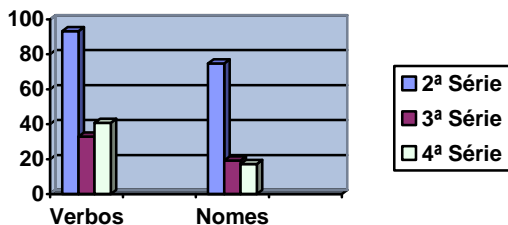
O gráfico acima mostra que as taxas de apagamento do rótico na escrita dos estudantes são mais altas em posição de coda final, o que pode ser entendido pelo fato de que, nesta posição, variados estudos sociolinguísticos atestam o cancelamento quase total deste fonema na fala, o que interferiria no processo da escrita, ficando a supressão do segmento em posição de coda medial restrita a contextos mais específicos.

Com relação ao fator escolaridade, foi confirmada a hipótese de que os alunos da série mais avançada apagariam menos o rótico na escrita, conforme demonstram vários estudos sobre língua falada que associam a predominância de formas linguísticas padrão a falantes com mais anos de escolarização e como mostram os dados percentuais da tabela acima que atestam uma grande incidência de cancelamento do segmento na segunda série (87% para o final e 71,9% para o medial) ocorrendo uma forte queda desses valores nas séries posteriores.

Com relação ao rótico em posição final de palavra foi observado o fator classe morfológica do vocábulo, considerando-se verbos

e nomes.

Gráfico 2: Classe morfológica do vocábulo (em %)

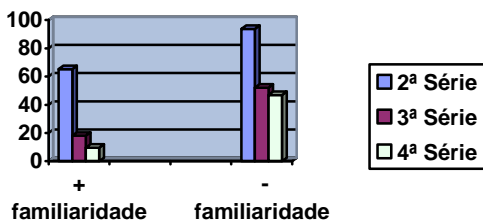


Os dados do gráfico mostram que os verbos favorecem mais o apagamento que os não verbos. Se estamos considerando que a língua falada interfere significativamente na escrita das séries iniciais, os resultados só confirmam várias pesquisas realizadas sobre o apagamento do rótico na língua falada em diversas regiões do Brasil que mostram que a perda do fonema é mais frequente nos verbos que aparecem no infinitivo e na primeira e terceira pessoa do futuro do subjuntivo.

Ainda com vistas a analisar os níveis de apagamento do rótico em sílaba medial na escrita dos estudantes, foi feito um ditado de frases que continha palavras consideradas menos usuais na escrita dos alunos ou hipoteticamente pouco trabalhada pelos professores a fim de verificar se o grau de familiaridade com a palavra interferiria no cancelamento do segmento /r/. Os dados serão apresentados no gráfico a seguir.

Comparando os dados obtidos neste gráfico, verifica-se que há uma diferença significativa, com um aumento considerável de cancelamento do segmento -r - nas palavras que foram consideradas menos frequente na escrita escolar do aluno, o que confirma a nossa hipótese de que palavras com menor familiaridade favoreceriam o apagamento do r.

Gráfico 3: Grau de familiaridade com a palavra



5. Considerações finais

Os dados apresentados neste trabalho configuram-se numa primeira versão de um estudo mais amplo, uma dissertação de mestrado ainda em andamento. Certamente serão ampliados para que se possa fazer uma análise definitiva do *corpus* e, posteriormente, comparar com os resultados de outros pesquisadores, pretendendo contribuir para o conhecimento de marcas linguísticas que caracterizam os falantes da área investigada bem como compreender a interferência da língua falada na escrita das séries iniciais. Desse modo, pretende-se colaborar com as pesquisas que enfocam estes aspectos da realidade linguística brasileira.

Num primeiro momento, digamos que estes dados preliminares já confirmam a forte influência que a língua falada exerce sobre a escrita, principalmente nas séries iniciais, sendo o reconhecimento deste fato de extrema importância para o professor deste nível de ensino compreender que as diferentes formas empregadas pelos alunos no texto escrito refletem, quase sempre, características da língua falada. Por isto deve-se levar em consideração a heterogeneidade linguística do aluno, sobretudo aqueles advindos das camadas populares, cujas formas linguísticas ainda são mais distantes daquelas consideradas padrão.

A sociolinguística, ao longo dos anos, tem produzido diversos trabalhos com o intuito de aproximar cada vez mais a pesquisa produzida no meio acadêmico com a realidade das salas de aula, contri-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

buindo para que professores e alunos percebam a variação linguística como um fenômeno inerente a qualquer língua e a partir daí reflitam sobre o sistema linguístico, aprimorando, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Num segundo momento, é possível confirmar através dos dados, a teoria da instabilidade e canonicidade silábica, sendo a posição de coda o constituinte da estrutura silábica que possui maior liberdade para apresentar variação pelo fato de ser também o mais instável na sílaba. Além disso, há no português brasileiro uma forte tendência para a supressão da consoante -r- em posição pós-vocálica, já que o falante instintivamente segue em direção ao padrão canônico da sílaba que é uma consoante e uma vogal, sendo este fato fortemente marcado na língua oral, ocorrendo mais nas formas verbais infinitivas e em posição final de palavra conforme atestam importantes trabalhos na linha da sociolinguística quantitativa laboviana como o de Callou, Moraes e Leite que verificaram o apagamento da vibrante em posição final de vocábulo na fala de falantes cultos e concluíram que o fenômeno não possui marca de classe social, não sendo portanto, estigmatizado.

Segundo Mollica (2007, p. 47) este é um dos fenômenos fonológicos que merecem trabalho pedagógico voltado para a escrita, pois a preservação de qualquer variante na fala não implica conseqüências estigmatizadoras de qualquer natureza para o falante, portanto não recebe avaliação negativa.

Para a autora os trabalhos sociolinguísticos podem contribuir no sentido de subsidiar a pedagogia que enfatize a autocorreção natural e espontânea à medida que os falantes tomem contato estreito com a modalidade escrita da língua, auxiliando na aceleração desse processo que se estende ao longo do letramento.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. A. *Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita*. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.6, nº5, 1997, p.127-158.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 267-276.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do /R/ final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.* vol. 14, 1998, p. 61-72.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

_____. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e Sociais*. Porto Alegre: Ed-PUCRS, 2002.

WEINREICH, LABOV, HERZOG. Empirical foundation for a theory of language change. In: LEHMANN, N. MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas, 1968.